

A Biblioteca Geral como parte (essencial) da Universidade

A Biblioteca Geral é parte da Universidade, cumprindo-lhe assumir, na medida das suas possibilidades, a estratégia que esta define e aprova nos seus órgãos de governo.

Enquanto biblioteca patrimonial e universitária, deve enriquecer, preservar e divulgar, o melhor possível, o acervo que se encontra à sua guarda. É isso que fazem as boas bibliotecas do mundo, de forma dinâmica (e não já apenas passiva), recorrendo a todos os meios que têm ao seu alcance, desde os mais convencionais aos mais avançados do ponto de vista tecnológico.

Mas a Biblioteca Geral serve a Universidade no seu todo e, nessa medida, deve estar muito atenta aos seus utilizadores diretos (estudantes, professores e investigadores), criando as melhores condições para atender às suas necessidades e expectativas, envolvendo aspetos logísticos e facilitando o acesso aos documentos.

De uma Biblioteca como a nossa, à qual é apontada uma existência de mais de 500 anos, espera-se sempre mais. Espera-se nomeadamente que ela se afirme não apenas como simples equipamento, no plano em que se encontram muitos outros, mas também como instância de reflexão.

É sabido que a Universidade deve ser vista para além da simples adição das faculdades que a integram. Nessa medida, considerando as suas limitações humanas, logísticas e financeiras, a Biblioteca Geral vem procurando estimular e facilitar a circulação e a interpenetração

de saberes. São múltiplos e variados os documentos que guarda e disponibiliza, atraindo interessados de muitas faculdades, que aqui se encontram e aprendem a conhecer-se, a respeitar-se e a colaborar mais entre si. Na Biblioteca se organizam exposições e decorrem colóquios que, por vezes, não encontram espaço fácil nas diferentes Escolas e Departamentos da Universidade. Ainda recentemente, por exemplo, a Biblioteca Geral organizou exposições documentais sobre a China, o Japão e o território de Macau, abrangendo zonas de conhecimento que não se encontram diretamente cobertas por nenhuma unidade orgânica.

Isto significa designadamente que a Biblioteca quer contribuir para que a Universidade se pense não apenas como mera adição de saberes especializados mas como a *soma transformada* de saberes que deve ser. Mas tem consciência plena de que também lhe cabe pensar-se a si própria, de modo a poder cumprir cada vez mais e melhor as suas funções e a enfrentar os novos desafios que se lhe colocam.

O *Boletim* da Biblioteca, cuja publicação agora se retoma, espera-se que com periodicidade mais regular, inscreve-se nesta exata preocupação.

Desde a sua fundação e ao longo de uma já longa história, que recobre várias designações, a publicação serviu essencialmente para acolher o pensamento dos bibliotecários que serviram a Universidade¹. Quem um dia quisesse abeirar-se do pensamento biblioteconómico

1 O *Boletim* assume-se como herdeiro do *Archivo bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, que veio pela primeira vez a lume em janeiro de 1901, com uma periodicidade mensal, e que se manteve, sem interrupções, até maio de 1913. Logo em janeiro de 1914, viria a público com uma designação ligeiramente diferente, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Da periodicidade mensal passar-se-ia depois, em 1917, à periodicidade anual (irregular) e de novo com uma alteração de pormenor no título (*Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*), até 1997. Mantendo o mesmo título, a publicação reaparece em 2010, apenas em formato eletrónico, com dois números publicados (2010 e 2014). A partir do presente volume, a designação será *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.

produzido em Portugal não pode, por isso, deixar de compulsar as coleções do nosso *Boletim*.

Apesar de todas as transformações ocorridas ao longo do último século, esse desígnio não perdeu atualidade nem pertinência. Ao contrário do que pode pensar-se, as bibliotecas nunca foram espaços de acomodação. Pelo contrário: basta olhar para o conjunto de transformações que nelas teve lugar nas três últimas décadas para nos apercebermos da importância dos dilemas que os bibliotecários tiveram que enfrentar e resolver. E não me refiro apenas à vertente tecnológica. Essa é e vai continuar a ser da maior importância, exigindo um constante esforço de adaptação mas também de escrutínio e prudência.

Mas há que acrescentar as mudanças de atitude que se operaram a dois outros níveis: nos utilizadores da Biblioteca (que nela esperam encontrar cada vez mais facilidades e ajudas) e nos próprios bibliotecários: se antes um bibliotecário se distinguia sobretudo pela familiaridade com os livros e pela cultura que daí resultava, justamente admirada pelos leitores que, quase sempre confinados a um saber especializado, não podiam deixar de se surpreender com quem lidava com a vastidão enciclopédica das estantes, o bibliotecário de hoje é, ele próprio também, um protagonista do saber. Não lhe basta deter um conhecimento técnico exigente, meticuloso e transversal. É necessário apurá-lo constantemente. O desafio maior que se lhe coloca, porém, situa-se no plano dos comportamentos. Ao contrário do que sucedia até há poucos anos, o investigador que hoje chega às bibliotecas constitui o reflexo das muitas mudanças que ocorreram na Academia e na Sociedade em geral. Há evidentemente perfis que se mantêm. Em regra, porém, o pesquisador que hoje se dirige ao nosso catálogo vem mais apressado, menos predisposto para a descoberta e menos possuído pela curiosidade alargada de antigamente.

Julgando interpretar corretamente a orientação dos tempos, o *Boletim* que agora se volta a publicar não é apenas de carácter técnico. Embora nele se publiquem ainda estudos dessa natureza, optámos por trazer também a lume alguns contributos relativos à missão que hoje cabe às bibliotecas universitárias. Nele têm lugar, desde logo, textos sobre bibliotecas antigas. Na Universidade em geral e nas bibliotecas de forma muito particular, os desafios do presente beneficiam muito do conhecimento esclarecido do passado. Num outro plano, dele constam também a descrição e análise de alguns acervos recentemente incorporados nas bibliotecas da Universidade de Coimbra. Ao contrário do que antes sucedia, as bibliotecas não podem limitar-se a tratar os materiais que acolhem. Têm que dar notícia da sua existência de todas as formas. Neste *Boletim* se acolhem ainda textos que resultam diretamente de exposições e outras iniciativas levadas a efeito na própria Biblioteca. A ideia de que a vida de uma biblioteca se limita à disponibilização de livros numa sala silenciosa está longe de corresponder à realidade. Para além de cumprirem essa e muitas outras missões, os bibliotecários trabalham incessantemente para atrair a atenção dos seus públicos. Nesse sentido, organizam mostras temáticas a propósito de efemérides e congressos, promovem sessões regulares para mostrar e explicar os seus tesouros e correspondem às muitas solicitações que lhe chegam da comunidade académica. Nesse sentido, a Sala do Catálogo, a Sala de São Pedro e o piso intermédio da Biblioteca Joanina constituem o espelho de uma dinâmica que constitui o reflexo honesto do que julgamos ser a nossa obrigação.

Por fim, este número duplo contém ainda um conjunto mais abrangente de reflexões que dizem respeito à Biblioteca e à Universidade sobretudo pensadas à luz da sua história.

A nossa vontade, a nossa aposta é que o presente número possa vir a assinalar uma recuperação duradoura. Não sabemos se tal será possível. Se o não for, não será por falta de vontade ou por economia de esforços.

Pelo contrário: tal como antes sucedia e hoje ocorre ainda com mais premência, as bibliotecas necessitam de ter voz e de a fazer ouvir.

José Augusto Cardoso Bernardes
(Diretor da Biblioteca Geral)

(Página deixada propositadamente em branco)